

Tatiana Piccardi

Para Eagleton, os anos de ouro da teoria da cultura (entendida como um modo específico de fazer ciências humanas que deu forma, a partir da década de 60, a disciplinas como as ciências sociais, a ciência política, a antropologia, a história, a semiótica, tais como as conhecemos hoje) são coisa do passado. O fato é que os trabalhos pioneiros de autores como Jacques Lacan, Claude Lévi-Strauss, Louis Althusser, Roland Barthes e Michel Foucault estão já décadas atrás de nós, assim como os primeiros escritos de Raymond Williams, Luce Irigaray, Pierre Bourdieu, Julia Kristeva, Jacques Derrida, Hélène Cixous, Jürgen Habermas, Fredric Jameson e Edward Said. Ainda assim, e não apenas no Brasil – como facilmente se poderia supor, já que nossa ciência se caracteriza mais por sua receptividade (em geral defasada em alguns anos) e menos pela sua originalidade – continuam sendo autores muito citados nas dissertações e teses defendidas nas melhores universidades.

Ocorre que, embora muitas das idéias desses pensadores tenham valor incomparável (e alguns deles ainda produzam trabalhos da maior importância) e a nova geração que seguiu os mestres tenha trazido contribuições relevantes, para Eagleton insistimos em patinar no passado, em um mundo que mudou demais desde que Foucault e Lacan sentaram diante de suas máquinas de escrever pela primeira vez. Surpresa? Decepção? Um pouco de surpresa, sim, já que nos acostumamos a reverenciar certos autores sem questionar sua atualidade, e um pouco de decepção também (talvez desamparo), pois tais autores são a guarida de tantas pesquisas... o que fazer sem eles?

Importa frisar que não se trata de sugerir que a teoria da cultura acabou e que toda sua contribuição deva ser jogada no lixo. Os que procuram no livro um discurso ingênuo, do tipo que prega o retorno a um tempo em que recitar Keats de modo impecável ou Milton com espírito audaz era o que se entendia por cultura, certamente ficarão desapontados. O projeto que deu forma à teoria da cultura não foi um erro do qual devemos ser perdoados, e então poder voltar atrás para retomar o que fazíamos – seja lá o que for – em um tempo em que Ferdinand de Saussure estava fora do horizonte. A questão é: que tipo de conhecimento os novos tempos exigem? O que, a partir de todo o conhecimento produzido pela teoria da cultura, deve ser revisito? Trata-se, isto sim, de uma empreitada renovadora que exige coragem.

Eagleton reconhece e explicita logo no primeiro capítulo que a teoria da cultura desenvolveu-se de maneira tal a contri-

buir fortemente para esclarecer a importância de se considerar o diferente, o heterogêneo, como alvo de pesquisas. Assim, a teoria da cultura contribuiu para legitimar objetos de estudo tais como gênero e sexualidade, corpo e prazer, cultura popular, ecologia e poder, temas até então desprezados. Para tal, sob forte influência do marxismo (seja alinhando-se a ele, seja confrontando-o), a teoria da cultura precisou desestabilizar conceitos como norma, autoridade, maioria, unidade, consenso, sujeito, verdade, que passaram a ser compreendidos pejorativamente como universais abstratos, categorias insuficientes e ultrapassadas. Nesse percurso, a teoria da cultura consagrou perspectivas ainda em voga, como a de que não há uma única maneira de interpretar uma obra-de-arte, ou um texto (o que não quer dizer que possam significar qualquer coisa); a de que o leitor é co-produtor da obra; ou ainda – e este ponto é central e controverso – a de que cultura e poder se interconstituem, ao contrário do que querem os conservadores, para quem cultura e poder não se misturam.

No entanto, a valorização da diferença e do heterogêneo, explorada nessas décadas pela teoria da cultura sob a forma de produção intelectual variada, efervescência universitária (que apartou qualquer outro tipo de enfoque acadêmico) e intensa luta política em prol das minorias, não foi suficiente para promover a dignidade dos cidadãos de segunda classe que proliferavam e proliferam mundo afora. O grande escândalo que paralisou e ainda paralisa humanistas alinhados à teoria da cultura é o de que a grande maioria da população mundial está sendo banida para as margens... O que fazer quando o heterogêneo se torna homogêneo?

A desesperança vence o escândalo na década de 90, quando se instala uma ruptura importante na teoria da cultura: segundo Eagleton, autores como Richard Rorty e Stanley Fish nos Estados Unidos, rotulando-se antiteóricos da cultura, propuseram que a cultura (ora cultuada como elemento de base, no lugar de Deus ou da Natureza) fosse vista como não fundada na razão. Uma cultura, segundo eles, justifica-se por si mesma. Temos aqui o pós-modernismo decretando a impossibilidade intelectual de refletir sobre a cultura. Esta postura não é apenas catastrófica para as ciências humanas, como o é politicamente. Tem-se nela o fundamento para idéias como a de que a globalização é inevitável; ou de que o incremento do poder de compra através do trabalho remunerado é tudo que se pode esperar do trabalho; ou ainda de que o mundo se reduz à linguagem e de que estamos inevitavelmente atados aos discursos que produzimos... Pode-se argumentar que até animais não lingüísticos agem com base em uma espécie de razão, mas o que é importante para Eagleton é que só o homem, como animal lingüístico, pode ser moral, perguntando-se a si mesmo se

determinada razão é boa ou não. Ao estudioso cabe mais do que nunca se perguntar: isto que faço, a disciplina que ajudo a construir, é boa o suficiente? Traz o que a humanidade precisa? E é a este aspecto que o humanista de hoje (na falta de uma designação melhor) não pode mais se furtar. Como afirma Eagleton: "knowledge and morality, then, are not finally separable, as the modern age tends to assume"¹

Se a teoria da cultura, fruto do modernismo e mais especificamente do estruturalismo, errou por considerar não haver uma realidade além dos microcosmos estudados e por constituir-se de tal maneira teórica a ponto de reduzir o mundo a discursos, a antiteoria da cultura (pós-moderna), que impregnou a primeira, errou ao postular que não se pode ter informação sobre o mundo, já que o mundo seria ele mesmo informação. De um lado, desconexão entre teoria e prática; de outro, seu amalgamento. Nos dois casos, paralisia para a ação, intelectual e prática. A teoria da cultura continua a criticar a universalidade como abstração idealista, enquanto corporações transnacionais cada vez mais fortes enraízam-se em todo o mundo; a anti-teoria da cultura, por sua vez, omite-se quanto às críticas ao universal e reduz a ocupação das corporações transnacionais a uma questão de estilo de vida... Tal estado de coisas mostra que o impasse está instalado.

Se num certo período foi necessário pôr muita coisa de lado para legitimar uma maneira de fazer ciências humanas e elevar o estatuto de determinados objetos de estudo, a superação do impasse exige revisitar o recorte e ampliá-lo. Cabe perguntar: as razões da teoria da cultura são boas, ou antes, quais são elas, qual racionalidade, enfim, guia seus estudos e a que isto tem levado? Ou correr o risco de as disciplinas mais representativas da teoria da cultura tornarem-se irrelevantes.

Após esmiuçar o que as ciências humanas ganharam e perderam com a teoria da cultura nas últimas décadas, Eagleton finaliza o quarto capítulo afirmando que:

Cultural theory as we have it promises to grapple with some fundamental problems, but on the whole fails to deliver. It has been shamefaced about morality and metaphysics, embarrassed about love, biology, religion and revolution, largely silent about essences, universals and foundations, and superficial about truth, objectivity and disinterestedness. This, on any estimate, is rather a large slice of human existence to fall down on. It is also, as we have suggested before, rather an awkward moment in history to find oneself with little or nothing to say about such fundamental questions² (página).

Nos capítulos seguintes, o autor procurará refletir, então, sobre alguns desses temas, parte deles considerada tabu para os teóricos da cultura, a outra parte no mínimo incômoda. São eles: verdade, virtude, objetividade, moralidade, revolução,

¹ Conhecimento e moralidade, então, não são ao cabo separáveis, como a era moderna tende a supor.

² A teoria da cultura que conhecemos promete o embate com problemas fundamentais, mas no geral falha em seus resultados. Tem sido tímida sobre moralidade e metafísica, constrangida sobre amor, biologia, religião e revolução, largamente silenciosa sobre o mal, reticente sobre morte e sofrimento, dogmática sobre essências, universais e fundamentos, e superficial sobre verdade, objetividade e imparcialidade. Isto, em qualquer estimativa, é ser mal sucedido em uma grande fatia da existência humana. É também, como sugerimos antes, um momento particularmente difícil da história para nos encontrarmos com pouco ou nada a dizer sobre tais questões fundamentais.

fundamentos, fundamentalismo, morte, mal e não-ser. Nesta resenha, destacamos o ponto de vista do autor sobre o tema verdade, deixando de lado os demais tópicos. De fato, cada um, por si só, mereceria uma resenha própria. Ocorre que a idéia controversa de verdade (e verdade absoluta) está na base mesma da ortodoxia que impede a teoria da cultura de olhar para si mesma com a ousadia exigida para sua transformação, daí a necessidade de sobre ela nos debruçarmos mais detidamente, o que fazemos a seguir, transcrevendo quase que na íntegra as reflexões centrais do autor.

A verdade absoluta

Por que esta questão interessa? Interessa, segundo Eagleton, porque conhecer a verdade faz parte de nossa dignidade como criaturas moderadamente racionais. E isto inclui conhecer a verdade sobre a verdade. Mas a questão interessa também porque, segundo ele, um fantasma ridículo foi criado ao redor do termo "absoluto" neste contexto; e porque, se os relativistas estiverem certos, a verdade está esvaziada de muito do seu valor. Num mundo como o nosso, o perigo desta relativização pode ser tragicamente vislumbrado pelo seguinte exemplo: se uns sustentam que democracia significa o direito de todos votarem, e outros que democracia significa que só os que passarem por testes de inteligência diabolicamente complicados têm o direito de votar, haverá sempre um liberal por perto para afirmar que ambos estão certos, cada um de seu ponto de vista.

Como crítico, Eagleton se interessa pelo tópico principalmente porque nenhuma idéia é tão impopular para a teoria da cultura como a de verdade, em especial, a de verdade absoluta. Segundo suas próprias palavras, para os teóricos da cultura, a expressão cheira a dogmatismo, autoritarismo, crença no atemporal e no universal. Polemicamente, assim, Eagleton procurará defender a noção de verdade, a começar por desmistificar a noção de verdade absoluta.

Verdade absoluta, para ele, não é um tipo especial de verdade. Por esta visão (que critica), há verdades que são mutáveis e relativas e há um tipo superior de verdade que não é nem uma coisa nem outra. Algumas pessoas, pretensamente mais dogmáticas e autoritárias, acreditam nesse tipo de verdade superior, enquanto outras, como historiadores e pós-modernistas, não. De fato, alguns pós-modernistas afirmam não acreditar em tipo algum de verdade – mas assim o fazem porque identificam verdade com dogmatismo e, ao rejeitar o dogmatismo, descartam a verdade. Esta é uma manobra particularmente sem sentido. Se manter uma posição com convicção é algo desagradavelmente autoritário, enquanto que ser obscuro, cético e ambíguo é de alguma forma democrático, pergunta-se o autor,

o que dizer sobre alguém que é apaixonadamente comprometido com a democracia, em oposição a alguém que é obscuro e ambíguo sobre a mesma?

Acredita Eagleton que as pessoas que vêem a verdade como dogmática, e assim não querem conversa com ela, são como aquelas que se autodesignam não moralistas porque acreditam que moralidade significa apenas proibir as pessoas de irem para a cama umas com as outras. Tais pessoas são puritanos às avessas. Como o puritano, elas relacionam moralidade à repressão; viver uma vida moral é viver uma vida de sacrifícios. Mas enquanto o puritano pensa que ter uma vida de sacrifícios é uma coisa excelente, e notavelmente edificante, essas pessoas pensam o contrário e então rejeitam a moralidade. De forma similar, aqueles que não acreditam na verdade são muito freqüentemente dogmáticos às avessas. Rejeitam uma idéia de verdade que de fato nenhuma pessoa racional defenderia.

Não há, de fato, uma classe de verdades mundanas, historicamente modificáveis, lado a lado com uma classe de verdades absolutas em que se pode ou não acreditar, assim como algumas pessoas acreditam em anjos e outras não. Algumas afirmações são verdadeiras apenas de pontos de vista particulares: um exemplo famoso é "A França é hexagonal", que é verdadeira apenas para aqueles que enxergam o mundo a partir de uma perspectiva especificamente geométrica. Mas há muitas outras verdades que são absolutas sem ser em nenhum sentido sublimes ou superiores. Um exemplo simples que o autor discute é: "Este peixe é fresco". Isto significa apenas que, se for verdade que o peixe está fresco, a afirmação oposta não pode ser verdadeira ao mesmo tempo, ou verdadeira de outro ponto de vista. O peixe não pode ser fresco e não fresco ao mesmo tempo. Não há como haver possibilidade de dúvida ou ambigüidade. Pode ser que se esteja em dúvida sobre o peixe estar ou não fresco. Mas se não há certeza, então é absolutamente verdadeiro que não há certeza. Não se pode ter e não ter certeza. Talvez o peixe estivesse bom há duas horas e agora é difícil precisar seu estado. Nesse caso, o que era absolutamente verdadeiro há duas horas não o é mais. E o fato de não ser mais verdadeiro agora é igualmente verdadeiro. Absolutamente verdadeiro, então, significa simplesmente verdadeiro. O termo "absoluto", para Eagleton, só serve para argumentar com os relativistas que insistem, como sua autodesignação implica, que a verdade é relativa. Que a verdade é absoluta significa simplesmente que se algo é estabelecido como verdadeiro - uma tarefa trabalhosa e sempre aberta à revisão - então não há dois modos de ser do que foi estabelecido.

Um exemplo mais complexo que Eagleton usa é a afirmação "O racismo é um mal". Ora, se é verdade que o racismo é

um mal, então tal fato não é verdadeiro apenas para os que são suas vítimas (que em tese enunciariam tal afirmação). Se é verdadeiro que uma situação é racista, então é absolutamente verdadeiro. Não é apenas questão de opinião ou ponto de vista. Mas, naturalmente, afirmar que uma situação é racista pode não ser verdadeiro. Ou pode ser parcialmente verdadeiro – nesse caso é absolutamente verdadeiro que isto é parcialmente verdadeiro, em oposição a ser completamente verdadeiro ou mesmo não verdadeiro.

Absolutamente verdadeiro também não significa verdadeiro independentemente de qualquer contexto. Só se pode julgar o mundo a partir de algum tipo de enquadramento. Mas isso não significa necessariamente que o que é verdadeiro de um ponto de vista é falso de outro. Os exemplos que Eagleton oferece, envolvendo diferenças culturais, são muito elucidativos. Os elefantes podem ser sagrados para uns e não para outros, considerando-se que tal status representa uma diferença no modo de significá-los. Mas não pode ser verdadeiro que elefantes realmente sejam sagrados, da mesma maneira como eles realmente têm quatro patas. As culturas constroem sentido para o mundo de maneiras diferentes, e o que alguns vêem como fato, outros não vêem. Até aí tudo bem. Mas isso não pode significar que a verdade simplesmente signifique verdade-para-uns, pois então, embora desta forma deixassem de existir conflitos entre culturas, também deixaria de existir a possibilidade de comunicação entre elas e de transformação de comportamentos culturais bárbaros. Por exemplo, é tolerável admitir que a verdade-para-uns seja uma possibilidade quando se trata do status sagrado dos elefantes. Mas e se uma cultura sustenta que forçar relações sexuais com crianças contribui para seu bem-estar pessoal e estabilidade psicológica nos anos posteriores, e a cultura vizinha não?

Verdade absoluta não é a verdade subtraída do tempo e da transformação. Coisas verdadeiras em um tempo podem deixar de sê-lo noutra, ou novas verdades podem emergir. A afirmação de que algumas verdades são absolutas é uma afirmação sobre o que significa considerar algo verdadeiro, não a negação de que haja verdades diferentes em diferentes épocas. Verdade absoluta não significa verdade não histórica: não significa um tipo de verdade que cai do céu. Ao contrário, são verdades que são descobertas por argumento, evidência, experimento, investigação. Muitas das quais, consideradas como (absolutamente) verdadeiras num dado momento, podem um dia se tornar falsas. Muitas hipóteses científicas aparentemente fechadas tiveram que se deparar com uma série de furos. Nem tudo que é considerado verdadeiro é realmente verdadeiro. Mas

permanece o fato de que não pode estar chovendo apenas a partir de um ponto de vista.

Como o autor afirma no posfácio, o 11 de setembro exacerbou a irracionalidade pós-modernista. O voltar-se à questão da verdade significa agir energeticamente contra reações automáticas e violentas que destroem a racionalidade. É saber que expressões arregimentadas como "slogans" que convidam à ação impensada - como "o mal", "amantes da liberdade", "antiamericano", "patriota", etc. - só funcionam dessa forma em um contexto de uso determinado, que leva a crer, equivocadamente, que nada há a ser dito a partir delas. Isto não significa que a palavra "mal" não possa se referir ao que é verdadeiramente mal, ou que a palavra "liberdade" não referencie um valor a ser preservado. A reviravolta proposta para a teoria da cultura, entrevista nesse voltar-se para a questão da verdade, implica que ela compreenda que a produção simbólica não se constitui como universo paralelo à realidade humana, como se edificada em construções independentes que fragmentam a verdade em verdade-para-uns e verdade-para-outros. Dito de outro modo, implica reconhecer que a produção cultural não se reduz a suas representações, e que a compreensão do(s) sentido(s) do que é representado, por mais abrangente(s) que seja(m), não deve bastar-se a si mesma.